

Uma experiência em escola ou a aposta na fala

Lívia Beatriz Mattos Santana

^{1*} Psicanalista / liviabmsantana@gmail.com

Resumo:

Este artigo aborda um recorte de uma experiência, orientada pela psicanálise, no interior de uma escola privada de educação básica, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A proposta de um espaço de trabalho em grupo e em torno da fala carrega em si uma potência emancipadora. A travessia da infância para a adolescência, com toda complexidade e dificuldade aí implicadas, pode ser acompanhada de muito desamparo. A partir de um convite a tomar a palavra, de maneira singular, valorizando o não-saber de cada um, este dispositivo de trabalho se propõe ser a possibilidade de construção de um solo para cada sujeito em travessia. O ato de se exercer na fala, no endereçamento ao outro, é uma aposta para que dimensões “emudecidas” encontrem palavra e, assim, algum contorno seja possível para um mal-estar que pode ser inquietante.

Palavras-Chave: Infância; Adolescência; Não-saber; Fala; Palavra; Discurso da psicanálise.

^{1*} Psicanalista. Mestre em Psicanálise pela Université Paris Diderot – Paris VII. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Mantenha-os vivos. Se a vida para eles é roubar, provocar, destruir, procure simplesmente para esses verbos os objetos diretos ou indiretos que farão sua força, imperceptivelmente, derivar para atos louváveis e úteis”.

— Fernand Deligny

Prólogo

O tema do dia era padrão de beleza. Iniciamos nossa conversa com o desabafo de uma blogueira registrado em sua página do Instagram para então nos questionarmos sobre isso: Que padrão é esse que hoje vigora? Como ele opera sobre nossos corpos? Experimentamos realmente isso ou apenas ouvimos falar sobre? É simples abstrair desse padrão de beleza? Empresto algumas perguntas disparadoras para, no fluxo das falas, irmos nos encontrando com nossa posição singular diante de tal temática. Em um determinado momento, uma aluna abaixa a cabeça e começa a escrever – uma das alunas mais engajadas em fazer o encontro acontecer, para meu lamento. Ao final, ela me entrega várias folhas de um caderno, escritas frente e verso, falando de como toda aquela história de padrão de beleza atravessava a vida dela, de como ela nunca tinha se permitido sofrer por isso, desliza então para o lugar da “exigência” em sua vida... e termina agradecendo pelo espaço para desabafo.

I

Este é um relato de experiência. Pretendo trazer algumas reflexões acerca de uma aposta de trabalho com estudantes do segundo segmento do ensino fundamental em uma escola privada de educação básica, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O convite que me fora feito era tentador: ganhar um tempo na grade horária de todas as turmas para... conversar! Não era muito claro o que exatamente a escola estava me propondo ou me pedindo com isso. Mesmo sem ter a menor ideia do que seria possível

fazer caber em 50 minutos semanais, fazer pessoas falarem e ouvir era o que eu sabia fazer por ofício.

O método que a Psicanálise inaugura advém da experiência com uma de suas primeiras pacientes e recebe o nome de “talking cure”, a cura pela palavra. O artifício da fala mostrou-se então a via régia para o tratamento de sofrimentos e situações traumáticas. Enquanto psicanalista dentro de uma escola, ainda que muito pouco situada de quais seriam as invenções possíveis para encaminhar o convite que me fora feito, a construção deste espaço não poderia prescindir da fala de cada um, pessoal e intransferível.

Os participantes desta aventura têm entre 10 e 14 anos. Ou seja, estão fazendo a travessia – turbulenta, diga-se de passagem – da infância para a adolescência.² As mudanças constantes de um corpo que começa a ser atravessado pela puberdade, a perda dos referenciais infantis, as exigências cada vez maiores de independência e autonomia vêm ameaçar de maneira implacável os contos de fadas e heróis que parecem povoar a infância. Os remanejamentos identificatórios implicados nesta travessia se articulam com a falta de um lugar simbólico onde o sujeito possa se ancorar, deixando assim a marca de muito sofrimento e questionamentos sobre si.

A prevalência dos estranhamentos que acometem o corpo físico e a imagem de si próprio se prolongam numa certa tonalidade de descontentamento com o mundo. O encontro com as falhas, incoerências e incompletudes do mundo dos adultos demandam de cada sujeito em travessia um árduo trabalho de elaboração.

Reconhecendo a tendência das escolas de caminharem no sentido da docilização dos corpos e da normalização das subjetividades,³ parti da premissa de que me empenharia na construção de um tempo na contramão. Tentar produzir desvios. Ali onde existe um empuxo a homogeneização, tão comum nas escolas, a tentativa seria de convidar cada um a se expressar em

² É bastante difundido na literatura psicanalítica descrever esta travessia como um período de crise. Destaco duas referências de suma importância neste trabalho e na minha prática em geral: Melman (2000); Alberti (2010).

³ O léxico enquadrador domina o ambiente escolar. Destaco alguns que me chamam atenção: “grade” horária, forma, “quadro” de lugar.

sua singularidade. Ali onde facilmente se cai numa lógica do professor detentor do saber e dos alunos tábulas rasas, passivos, à espera da transferência de conhecimento, a tentativa seria de valorizar o saber de cada um, o que cada um pensa ou acha sobre determinada coisa. Cultivar o interesse pela história de cada fala enunciada. Ali onde por excelência há o culto ao saber, sóbrio e total, a tentativa seria a de dar lugar ao não-saber, à dimensão do *páthos*, e às potencialidades aí envolvidas.

Os disparadores para esse jogo acontecer? Poderia ser tudo, menos qualquer coisa.⁴ Uma notícia da mídia, um tema, uma palavra, uma situação vivida... algo que mobilizasse ou que fizesse mobilizar. Distinguir este espaço de um mero bate-papo vai em direção à tentativa de ir além. Gastar o sentido do senso comum e das respostas fáceis. Não se deixar acomodar nas certezas. Vasculhar o opaco delas. Desencontrá-las.

Contudo, se é pela palavra que se dá o trabalho de um psicanalista, a proposta está longe de ser uma terapia de grupo. Tampouco, um mero bate papo. Com que fim, então, chamá-los a estar no laço e convidá-los a falar? Qual seria a especificidade do manejo da palavra neste espaço?

II

Lançar-se na contramão exigia que tivéssemos alguns anteparos à disposição, algo que pudesse nos ajudar a não ter uma colisão fatal. Para isso foram estabelecidas três premissas para favorecer que aquele espaço de trabalho com a palavra existisse.

São elas:

1. Não se trata de uma aula – o que acontecer naquele tempo vai depender dos rumos que cada fala e corpo imprimirão de movimento. Ofereço-me como suporte de sustentação. Proponho um ponto de partida, tenho algumas perguntas norteadoras na manga. Brincar na corda bamba com as ideias, tentar reunir um norte para dar o primeiro passo, dançar num

⁴ Ensino do teatro.

contraponto se a coisa estiver caminhando muito rígida. Não se deixar empacar na dificuldade nem no niilismo da pura relativização.

2. Não há certo e errado – cada um fala do lugar de onde parte. Com argumentos, poderemos tentar apontar o que vacila em cada argumento, perigos e violências contidos na fala do outro. Mas a decisão final de seguir sustentando sua fala ou deslocar-se nela é de cada um. Afinal, não é uma aula. São corpos no mundo, seres falantes na pólis, cada um por sua conta e risco. A presença de cada um é, então, a matéria prima mais cara que temos para brincar.

3. Pacto de confiança. O convite à fala é um convite à vulnerabilidade. É desejável que estejamos atentos a isso, pois estaremos todos no mesmo barco, e que zelemos para essa confiança não se quebrar – seja lá o que isso possa significar para cada um.

Em tempos onde a chamada “educação socioemocional” ganha cada vez mais lugar nos currículos escolares,⁵ é preciso marcar uma diferença. Não se trata de ensinar sobre os sentimentos, nem mesmo de uma tentativa de educá-los. O horizonte desta experiência em nada se pretende moralizante ou “pedagogizante”, no sentido mais pobre do termo.

O espaço que estava nascendo naquela escola, longe de ser uma resposta, era uma aposta. As regras do jogo, longe de ser uma cartilha, deveriam ser um horizonte. Pegar essa contramão tinha como porvir possível o desvio, esburacar e esvaziar o instituído – da instituição e de nós próprios – para então facilitar o advento de um gesto singular de cada um.

Tomo como inspiração as tentativas de Fernand Deligny nos seus trabalhos com os “inadaptados”. Deligny não nos deixa cair no engodo das boas intenções e nos adverte sem cessar para a força de atração que o

⁵ A dimensão socioemocional, por muito alijada completamente dos currículos escolares, vem sofrendo uma captura neoliberal. Trabalhada de maneira individualizante e apolítica, muitos materiais vêm surgindo no mercado ultimamente com a promessa de formar indivíduos integrais, prontos para os desafios do mercado de trabalho. Esta contudo tem se mostrado ser mais uma faceta dos dispositivos de controle e normalização dos corpos e subjetividades. Mordente (2023) faz uma pesquisa dedicada e primorosa sobre o assunto em sua tese e em seu perfil de Instagram, onde faz um trabalho de divulgação de sua pesquisa, @andançaseducativas.

discurso moralizante, punitivista e padronizador exerce sobre nós, agentes numa instituição tal qual a escola. Com uma lucidez ultrajante, que nos confronta com a vanidade das utopias e fórmulas bonitas e com a irredutível desviância do ser criança,

o que lhe interessa não é tanto a inserção do inadaptado, sua normalização, não é tornar a criança eficaz o suficiente em seus resultados escolares, mas antes encontrar ocasiões onde ela possa tomar iniciativas, onde encontre espaços para agir e se emancipe, mesmo que minimamente. (Miguel, 2015, p.4)

Em seu livro *Semente de Crápula: Conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la*, o que Deligny (2020) dá a ver com seus aforismas é algo da ordem do susto. Não existe cartilha, “muralha nem certeza para se apoiar” (Deligny, 2020, p.11) para os que se aventuram na lida com a infância e adolescência. Adverte-nos: “Se você brincar de polícia, eles brincarão de bandidos. Se você brincar de Deus, eles brincarão de diabo. Se brincar de carcereiro, eles brincarão de prisioneiros. Se você for você mesmo, eles ficarão desconcertados” (Deligny, 2020, p. 30).

Crianças e adolescentes carregam em si um mundo de devires e os desvios são partes incontornáveis da rota. Lidar com isso sob a perspectiva da ortopedia moral e a disciplinarização pelo punitivismo só pode levar ao fracasso. Não levar isso em consideração é passar ao largo do que está em jogo e um primeiro passo para perdemo-los pela estrada. Essa forma de se dirigir aos jovens carrega um esperançar ativo, preservando o que há de mais nodal e fértil em suas condições de travessia.

É advertida do engodo que é bancar a polícia, o Deus ou o carcereiro – e do quanto a instituição escola nos convoca a isso – que renovo a aposta na fala como forma de trabalhar com os alunos numa aposta igualmente radical que é a de escutá-los. Um trabalho que possa acontecer convocando e privilegiando uma dimensão implicada da palavra, uma vez que esta se destaca como uma via que abre espaço e favorece a emancipação para cada um.

III

Diante disto, o que pode esse trabalho com a palavra de cada um e qual a especificidade da condução de um psicanalista?

É com a fala que a psicanálise opera. É da ausência dela que a psicanálise surge. Foi inquietando-se com as afasias e perseguindo o enigma das histéricas que perdiam a fala sem, no entanto, apresentarem nenhuma disfunção orgânica, que um médico em Viena forjou a hipótese do inconsciente. A hiância entre o desejo e o que o eu conscientemente presume querer descortinou a existência de uma vida anímica que nos determina, mas que opera nos confins de nosso domínio egóico, encontrando satisfação no para-além do campo de mestria do indivíduo.

Lacan define o inconsciente como “o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (Lacan, 1998, p. 260). Censurado não é, no entanto, desaparecido. Ele segue: “Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar” (Lacan, 1998, p. 260). Esse outro lugar é o inconsciente e seus destinos. Esta outra cena a qual não temos mestria, mas que se apresenta nos tropeços da fala, nos chistes, no nosso corpo, nos pensamentos obsessivos, nas repetições sintomáticas...

A dialética entre o consciente e inconsciente é mais complexa do que uma simples tradução, mas concentremo-nos nisso: há algo que age sobre nós, que nos inibe, faz sofrer, padecer, mas que nos escapa. E a fala é o campo privilegiado por onde isso emerge e permite ao psicanalista operar.

Os caminhos da cura analítica se dão nas trilhas do recordar, repetir e elaborar (Freud, 1914a). Segundo Lacan,

não se trata, para Freud, nem de memória biológica, nem de sua mistificação intuicionista, nem da paramnésia do sintoma, mas de rememoração, isto é, de história, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro. (Lacan, 1998, p. 257)

É levando em consideração esta encruzilhada temporal que cada sujeito é convidado a falar, tendo como horizonte que esta é a via privilegiada por onde

operam os caminhos da elaboração, isto é, que algo desta balança entre o passado que incide sobre o futuro possa se alterar.

Contudo, o dispositivo da cura analítica é muito diferente daquele construído – e em construção – na escola. Como um convite a debater assuntos variados pode permitir algo do encontro com o singular e permitir vias de elaboração?

Voltemos ao relato que inaugura este artigo. O que essa cena pode ensinar?

Este tempo/espço de trabalho na contramão tem por objetivo esvaziar a totalização homogeneizante e esburacar o saber que se pretende unívoco. Pelo convite ao debate, valorizamos o saber que há em cada um, que advém da experiência e posição subjetiva singulares. Diferente de uma aula, onde a preocupação seria com a participação de todos ou com o cumprimento de um determinado número de competências a desenvolver, ali, o que orienta, é o movimento de cada sujeito. Assim, creio ter sido possível para aquela menina servir-se da discussão para entrar em contato com algo que restava emudecido para ela própria. Apoiar-se naquele tempo e espaço para dar alguma palavra sobre seu mal-estar e, quem sabe, poder dar outros caminhos para isso.

Diante de tantos remanejamentos inquietantes característicos desta travessia rumo à adolescência, poder formular em palavras um mal-estar e endereçá-lo a alguém não seria uma forma de dar contorno à esta falta de lugar simbólico, característica deste período? Deixar o estranho menos perturbador? Encontrar um solo em meio a tantas transformações?

Proponho uma outra cena:

Um aluno, depois de quase dois anos presente, nunca havia se colocado ou participado ativamente dos encontros. Sempre sentava nas carteiras dos fundos da sala, por muitas vezes abaixava a cabeça e parecia dormir. Um dia, devido a ausência de um aluno e sob pretexto de enxergar melhor, pede para se sentar na primeira carteira. O assunto do dia era intolerância religiosa. A discussão foi caminhando, sempre na tentativa de gastarmos um pouco as respostas fáceis. Explorar aqueles pontos que parecem opacos em cada

verdade. Encontrar novas perguntas. Assim chegamos à origem do mundo, às diferentes narrativas entre religiões e a ciência e eis que este rapaz estava totalmente capturado! Entre muitos “não sei se tô falando besteira”, arriscou diversas perguntas e hipóteses sobre questões nada banais que atravessam a humanidade. Ao final, agradeceu a escolha do tema e pediu que voltássemos ao assunto. Passou a me cumprimentar pela escola e desde então participa (quase sempre) muito empenhado das discussões.

O ponto de encontro aqui não tem a ver com um desabafo. O que restava emudecido para este menino talvez não fosse algo que fixasse um ponto de mal-estar. Mas o que este tempo/espço parece ter permitido a ele? Arrisco dizer que foi o encontro dele com algo que o anima, que o permitiu se engajar apesar do medo de falar besteiras.

A condução da discussão orientada pela pergunta, por um certo esburacamento do sentido, sem pretensão de alcançar a verdade total sobre a ciência ou a religião e fechar-se em seus respectivos saberes, permitiu a ele estar respaldado em seu não-saber, seguir adiante e se encontrar com algo seu.

Essa condução carrega em si a visada do discurso do analista, tal qual proposta por Lacan. Sobre este, Lacan afirma: “A questão é que o discurso analítico introduz um adjetivo substantivado: a tolice, na medida em que ela é uma dimensão, em exercício, do significante” (Lacan, 2010, p. 76).

A dimensão significativa justamente remete ao vazio de sentido. Não há significado colado ao significante previamente, de modo que o sentido será sempre conferido pela assunção do sujeito, pela inscrição da singularidade do ser falante.

Os destinos que as questões levantadas por este rapaz terão e os desdobramentos de seu encontro com esta faísca de desejo, não são possíveis de calcular nem de prever a priori. Mas algo parece ter sido animado neste encontro e que me parece ter uma certa relação com o encontro com a dúvida e com o saber não todo.

Para concluir por ora...

Este é o relato de uma experiência baseada em apostas. Como numa aposta, nada está garantido de antemão. Algumas regras para o jogo e algumas ferramentas são colocadas à disposição.

A travessia da infância para adolescência exige um grande trabalho de elaboração e pode ser acompanhada de muito desamparo. Poder contar com um tempo na grade horária escolar que convide cada um a se experimentar singularmente e encontrar aí um espaço de endereçamento da palavra poder ser muito potente.

O psicanalista, orientado pelo discurso da psicanálise que vai em direção ao furo do saber, caminha na sustentação de um trabalho cuja visada é fazer emergir os fios ocultos que regem nossos movimentos para que deles sejamos menos marionetes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, S. (2010). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deligny, F. (2020). *Semente de Crápula: conselho aos educadores que gostariam de cultivá-la*. São Paulo: N-1 edições.
- Freud, S. (1914a). Recordar, Repetir e elaborar. In: *FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.12*. Rio de Janeiro: Imago
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2010). *Encore (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana.
- Melman, C. (2000). O que é um adolescente? In: *O adolescente e a modernidade. Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. Tomo II*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Miguel, M. (2015). Os dois lados da inquisição: Fernand Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica. *Revista Ao Largo* 1, 25-41.
- Mordente, G. (2023). *Neoliberalismo escolar e processos de subjetivação: como a educação “inovadora” opera?* (Unpublished doctoral thesis). UFRJ: Brasil.